Dia 28 — São Venceslau, Duque da Boêmia, Mártir

Martirológio Romano

São Venceslau, duque dos boêmios e mártir, glorioso por sua santidade e por seus milagres, na Boêmia; o qual, havendo sido morto em casa de um irmão seu, alcançou vitorioso a palma do martírio. (Veja-se sua vida entre as de hoje.)

São Privato (ou Privado), mártir, em Roma; o qual, estando coberto de chagas, foi curado pelo papa São Calisto e depois, no tempo do imperador Alexandre, por confessar a Jesus Cristo, o açoitaram com cordas emplomadas até que morreu.

Santo Estactéo, mártir, ali mesmo.

Os santos mártires Marcial, Lourenço e outros vinte, na África.

Os santos mártires Marcos, pastor de ovelhas, e seus irmãos Alfeu, Alexandre e Zósimo; e também Nicão, Neão, Heliodoro e outros trinta soldados, em Antioquia da Pisídia; os quais se converteram à fé de Jesus Cristo pelos milagres de São Marcos; em diversos lugares e com diversos tormentos foram coroados com o martírio.

O martírio de São Máximo, mártir, no mesmo dia, no tempo do imperador Décio.

São Exupério, bispo e confessor, em Toulouse; do qual, para glória sua, escreve São Jerônimo que era muito medido e escasso para si e muito liberal para os demais.

São Salomão, bispo e confessor, em Gênova.

São Silvino, bispo, em Bréscia.

Santa Eustóquia, virgem, filha de Santa Paula, no mesmo dia; a qual, havendo-se criado com outras virgens junto à estrebaria onde nasceu o Senhor, resplandecendo por seus grandes méritos, dormiu no Senhor. (Veja-se sua história entre as deste dia.)

Santa Lioba, virgem, célebre por seus milagres, na Alemanha. (A rogos de seu parente São Bonifácio de Mogúncia, passou à Alemanha e fundou ali vários mosteiros, ficando ela em um, a duas léguas de Mogúncia. Carlos Magno a venerava e estimava muito, e sua esposa Hildegarda a chamou a Aix-la-Chapelle para consultá-la acerca de muitos assuntos importantes. Morreu no ano 779.)

O Beato Simão de Rojas, Confessor

Como a Igreja de Deus é comparada nas sagradas letras a uma casa grande, cujos indivíduos têm diversos ofícios em que empregar-se, assim também se verifica que os Santos, os quais cumprem as funções mais augustas desta grande casa, resplandecem em diversas virtudes, que a cada um deles dão seu certo caráter e o singularizam. O beato Simão de Rojas parece que foi dado à Igreja para promover o culto e a devoção do dulcíssimo nome de Maria; esta ocupação é a que forma seu caráter; mas não se reduziram a ela só os ofícios de sua portentosa vida, que é como segue:

Nasceu este grande servo de Deus na cidade de Valhadolide a 28 de outubro de 1552, de pais não menos ilustres pela nobreza de seu sangue que pela piedade de seus costumes. Aos catorze meses de haver nascido, quando os meninos dificultosamente acertam a formar palavra alguma, disse com a maior clareza e distinção: *Ave Maria*, como em anúncio do singular esmero com que havia de promover o culto da Rainha dos Anjos. Este fato verdadeiramente maravilhoso despertou o cuidado de seus pais para procurar dar-lhe uma educação correspondente aos altos desígnios que já delineava nele a divina Providência. Olhavam-no com singular respeito, e suas ações estavam adornadas de tal modéstia e compostura que se deixava entrever facilmente que Deus havia destinado aquele menino para grandes coisas. Logo que teve a idade proporcionada para receber as lições dos mestres, procuraram-lhos; e o santo menino havia recebido do céu um entendimento tão claro e engenho tão perspicaz que apenas tinha doze anos cumpridos quando já sabia não somente ler, escrever e contar, mas a gramática e a retórica.

Como, na verdade, semelhantes conhecimentos não eram vulgares numa idade tão terna, todos aplaudiam as virtudes intelectuais do santo menino; mas o que estava eleito de Deus para ser um vivo exemplar de todas as virtudes abismava-se dentro de si mesmo, reconhecendo-se indigno dos elogios que lhe tributavam e atribuindo a Deus, autor de todo bem, o bom que nele se encontrava. Estes aplausos e o perigo que traziam consigo fizeram tremer a puríssima inocência do santo menino, e começou a conhecer quão nocivo é o mundo aos que querem servir a Deus, ainda quando mais aprazível e benéfico se lhes mostra. Conheceu que não poderia ter segurança num mar tão tempestuoso e que o meio mais oportuno para livrar-se de seus perigos era abandoná-lo inteiramente, acolhendo-se com celeridade a um porto seguro. Consultou com Deus sua determinação; e, achando que sua divina Majestade a aprovava, segundo o declarou por meio de seus ministros, deu parte dela a seus pais, que não puderam deixar de conhecer que aquele era um chamamento de Deus, ao qual deviam conceder todos os auxílios. Fizeram as diligências necessárias e tomou o hábito de religioso no convento da Santíssima Trindade de Valhadolide quando apenas tinha treze anos. A pouco tempo que o Santo esteve no noviciado conheceram os religiosos que Deus havia trazido a sua Ordem um rico tesouro de virtudes. Fazia-lho conhecer

assim a pontualidade com que assistia a todas as observâncias, o prazer que manifestava nos exercícios humildes e o esmero com que procurou inteirar-se das multiplicadas obrigações daquele estado que havia de professar a seu tempo. Chegou este e fez sua profissão com aquele fervor de espírito que era consequente ao que o havia trazido à Religião, e os religiosos ficaram sumamente comprazidos de ver já assegurada uma pessoa que tanto lustre poderia dar com o tempo a sua família. Para este efeito seus prelados o enviaram a estudar artes e teologia, no que manifestou a um tempo o grande talento de que Deus o havia dotado e principalmente o santo fim a que se dirigiam seus estudos. Ordenava estes a sua própria santificação e ao proveito de seus próximos; e assim, longe de servir-lhe para inchar-se com aquele orgulho que produz a vã sabedoria, causavam nele novos conhecimentos das grandezas de Deus que o excitavam ao exercício das virtudes. Tanto seus condiscípulos como seus mestres admiravam no santo jovem a viveza de engenho com que penetrava as questões mais difíceis e enredadas; mas mais principalmente admiravam nele um teor de vida sacrificado inteiramente à piedade.

Neste tempo chegou o Santo à idade que requerem os sagrados cânones para receber o sacerdócio. Preparou-se para esta sublime dignidade com fervorosa oração e copiosas lágrimas; e, quando a recebeu, solicitou de seus superiores que lhe permitissem ir dizer a primeira missa ao santuário de Nossa Senhora das Virtudes, que é um convento da mesma Ordem que está num deserto poucas léguas distante da cidade de Salamanca. Deteve-se naquele santuário alguns dias para satisfazer sua terna devoção e, havendo prosseguido os estudos, foi destinado ao convento de Toledo a ensinar filosofia no ano de 1579. Seu magistério não se reduzia precisamente a ensinar as especulações da natureza, mas a ciência dos Santos fundada no temor de Deus. Os muitos e sobressalentes discípulos que tirou, tanto em ciência como em virtudes, são a prova mais autêntica do esmero que nisto punha. Entre eles contam-se o mestre Reinoso, que morreu bispo de Nova Segóvia; o mestre Núñez, bispo de Nicarágua; o mestre Monroy, morto em Argel pela fé de Jesus Cristo, e outros insignes varões em nada inferiores a estes na ciência e na virtude. Logo que concluiu de ler artes e teologia, sumamente comprazido de haver sacrificado nisto à obediência os principais desejos de sua alma, determinou pô-los em execução. Reduziam-se a procurar a salvação de seus próximos por meio do ministério da palavra e administrando dignamente o sacramento da Penitência. Como estava adornado de todas as prendas que constituem um pregador evangélico, era admirável o fruto que fazia com seus sermões. A sublime ciência que havia conseguido por meio de seus estudos, e muito mais na oração e trato com Deus, o fazia falar dos divinos mistérios com uma dignidade assombrosa. Por outra parte, seus sermões não constavam daquele aparato de palavras e cúmulo de erudição com que parece que os pregadores pretendem elogiar-se a si mesmos quando ensinam ao povo as virtudes dos Santos e as regras da moral evangélica. Seus discursos tinham unicamente o aparato da singeleza e a linguagem da verdade. Sua mesma virtude, que era uma virtude sólida, lhes dava novo vigor e eficácia; e assim sucedia que, prorrompendo o Santo em lágrimas ao tempo de declamar contra algum vício ou de apresentar a amabilidade da virtude, saíam de seus sermões os pecadores arrependidos e os bons mais enfervorizados. Iguais progressos fazia nas almas no tribunal da penitência, pois, como hábil mestre e médico consumado, a umas as ensinava os caminhos da virtude e a outras aplicava remédios saudáveis para sarar das chagas que os vícios haviam feito nelas. O visível aproveitamento que produzia sua direção o fazia ser buscado de todos, de uns para que os dirigisse em suas dúvidas e de outros para que com a imposição de suas mãos os sarasse de suas doenças, pois já ia Deus manifestando com suas acostumadas maravilhas quão grata lhe era a

intercessão deste servo seu.

Ainda que procurava ocultar sua virtude aos olhos do mundo, como quem conhecia quanto têm de contagiosos para inspirar a peste da vaidade, suas ações eram notoriamente santas, que nesta parte fizeram traição a seus desejos. Divulgou-se a fama de suas virtudes por toda a província, e, como havia muitos conventos que anelavam manter a rigidez da primitiva observância, solicitaram e conseguiram para este fim tê-lo por prelado. Aos olhos dos Santos têm as prelazias distinto parecer que aos dos ambiciosos. Estes as olham como lugares de delícia onde podem dar satisfação a suas paixões com a liberdade que lhes proporcionam a autoridade e a independência; mas os justos as veem como realmente são: isto é, como cargas pesadas, como escolhos perigosos e como empregos que os fazem responsáveis pelos delitos alheios. Escusou-se o Santo quanto pôde para não receber sobre si empregos em que podia periclitar a salvação de sua alma. Fez todas aquelas representações que ditam em semelhantes casos a humildade, o temor de desagradar a Deus e o desejo de manter tranquila a consciência; mas, estreitado pelo preceito dos superiores, teve que receber sucessivamente vários ministérios em vários conventos, o ofício de visitador de diversas províncias e, últimamente, a dignidade de provincial de sua província de Castela. O que de súdito resplandecia tão singularmente em todas as virtudes não brilhou menos quando, posto como tocha no candeeiro, se viu precisado a ilustrar os demais com as luzes de seu exemplo. Nada mandava em que não fosse ele o primeiro executor; era o primeiro na assistência ao coro e a todos os atos que prescreve a observância, sem que jamais faltasse a nenhum, a não estar impedido em algum exercício de caridade. Era benignísimo com seus súditos e, se talvez os defeitos destes o obrigavam a usar da correção ou do castigo, fazia-o com tal doçura de razões que, ao tempo em que ficavam emendados, ficavam também persuadidos de que em seu prelado tinham um verdadeiro pai que amava suas pessoas tanto como aborrecia suas transgressões. Desejava o Santo que cada convento fosse um seminário de virtudes; e, como para lograr este efeito o exemplo é tão poderoso, ele mesmo as praticava todas, fazendo-se o mestre de seus súditos. Seu retiro era extremado; igualmente o era seu silêncio, empregando o tempo que lhe sobrava dos precisos negócios na oração e na leitura de livros devotos. Daqui saía tão composto e edificado em suas ações que, ao vê-lo, lhes parecia a todos um Anjo do céu. Parecia-se-lhes também na angélica virtude da castidade, bem que procurava custodiá-la com todos os rigores de uma vida austera. Até desde muito jovem jejuava três vezes por semana, sem tomar outro alimento que pão e água. O mesmo fazia no Advento, na Quaresma e nas vigílias do ano; e nos dias restantes jamais comia outra coisa que ervas e legumes, acrescentando alguma vez por regalo particular um ovo; mas nunca carne. Dormia muito pouco, e isso sem tirar o hábito; assistia às Matinas à meia-noite e o resto dela o gastava em oração e outros exercícios devotos.

Logo que amanhecia, celebrava o santo sacrifício da missa com tal ternura e devoção quais manifestavam seus olhos feitos duas fontes de lágrimas. Dali saía tão aceso no amor de Deus e de seus próximos que não cessava de socorrê-los, umas vezes assistindo aos cárceres e aos hospitais, outras consolando-os no confessionário e outras, finalmente, solicitando dos fiéis copiosas esmolas para socorro dos necessitados e redenção dos miseráveis cativos. Nestes piedosos fins consumia quanto podia haver às mãos, ficando com uma pobreza tão extremada que não tinha mais que um só hábito, e esse remendado, e uns pertences na cela mais próprios para causar-lhe mortificação que para trazer-lhe alguma conveniência. Noticioso o rei Filipe III das sublimes virtudes do santo Rojas, desejou tê-lo perto de si para ouvir seus conselhos nos assuntos importantes de Estado.

Insinuaram ao Monarca que lhe desse algum emprego no palácio, com o que conseguiria seu fim; mas, conhecendo melhor que os áulicos o caráter da sólida virtude que resplandecia no santo Padre, respondeu discretamente: «Este seria pontualmente o meio de afastá-lo para sempre de minha presença; se é que há de vir, não há outro remédio senão que lho mandem seus superiores.» Tão resignada tinha sua vontade nas mãos da obediência e tão notória era a exatidão com que a observava que não se pôde ocultar aos olhos do Soberano. Em efeito, em 1600 o beato Simão de Rojas veio a Madri, onde permaneceu de contínuo quase todo o resto de sua vida. O desassossego da corte não pôde turbar um ponto o teor dos exercícios em que se ocupava em outros conventos. Já se via no púlpito, já no confessionário, umas vezes nos cárceres, outras nos hospitais, e sempre empregado em benefício de seus próximos. Tinha suma delícia em aderezar e repartir por sua mão uma panela aos pobres necessitados, para cuja esmola, se alguma vez lhe faltou o auxílio humano, não lhe faltou Deus com seus prodígios. Em meio a este teor de vida, que para um pobre já ancião e debilitado nas forças corporais era uma verdadeira penitência, era tal a austeridade com que tratava seu corpo que o não morrer era um verdadeiro milagre. Além dos cilícios com que trazia cingido seu corpo e das muitas disciplinas de sangue que tomava, fazia diariamente esta horrorosa penitência: todas as noites, depois de cantadas as Matinas, descia ao claustro em companhia de um confidente seu, única testemunha de seu fervor. Fazia-se atar a uma coluna e que lhe dessem muitos açoites em memória dos que havia recebido nosso Redentor. Tomava depois uma cruz sobre seus ombros; fixava-se na cabeça uma coroa de tão penetrantes espinhos que lhe corria o sangue pelo rosto; lançava-se uma corda ao pescoço e, postos os joelhos desnudos em terra, andava as estações pelo claustro contemplando os tormentos que padeceu Jesus Cristo e que tão ao vivo copiava em si próprio. Acabadas as estações, estendia a cruz no chão e, lançando-se sobre ela, fazia-se atar os pés e as mãos e, levantando-a depois, ficava por espaço de duas horas naquela dolorosa postura, feito um vivo retrato de Cristo crucificado. Este gênero de penitência causava tais delícias em seu espírito que nenhum emprego nem ocorrência foram bastantes para que pensasse jamais em dispensá-la. Os olhos sensuais veriam neste penoso exercício um meio de finalizar qualquer vida, por robusta que fosse; mas Deus, que lhe dava espírito para empreender tamanhos rigores, dava-lhe também forças para sobrelevá-los sem menoscabo de sua saúde. Pelo contrário, achava-se todas as manhãs tão ágil e expedito para os negócios de caridade como se houvesse descansado num delicioso leito.

Um cúmulo de virtudes tão singulares não pôde ocultar-se aos olhos dos Soberanos, por mais que o Santo o procurava. Um amor tão singular a seus próximos, confirmado com as obras; uma pobreza e desinteresse tão pouco comuns nos que têm valimento na corte; e, finalmente, a imagem da penitência que levava pintada em seu rosto eram suficientes para fazer sua fama eterna e conciliar-lhe mau grado seu as atenções e respeitos de todos. Mas a tudo se juntava no beato Simão a discrição de espíritos, o dom de profecia, a penetração de corações e outras graças com que adornou Deus seu servo, e são de ordinário indícios de grande virtude. Por esta causa Filipe III e sua esposa Margarida o veneravam de tal modo que o consultavam nos negócios mais árduos do Estado e punham em suas mãos muitas vezes a direção de suas consciências. Principalmente o Rei chegou a ter-lhe tanto respeito que o venerava como a Santo, e, quando de seu quarto passava o beato Rojas ao da Rainha, o mesmo Monarca o acompanhava e lhe segurava a cortina para que passasse. Comprazia-se, além disso, em visitar o Santo em sua cela, levando consigo os príncipes seus filhos, fazendo-lhes notar a pobreza daquele santo religioso e olhando ele com inveja aqueles miseráveis pertences que lhe haviam de produzir mais glória que a ele seu

palácio e suas riquezas. Alguma vez assistiu também o Monarca a ver repartir ao Santo aquela comida que dava aos pobres nos claustros de seu convento: louvando umas vezes a singular caridade de onde nascia, outras a singular devoção que naquele ato se manifestava à Rainha dos Anjos, exaltando de contínuo seu santo nome, e outras, enfim, a discrição e prudência com que fazia aquelas esmolas, não para criar ociosos que sobrecarregassem o Estado, mas para alimentar soldados inválidos que haviam perdido seus membros peleando na África contra mouros ou em Flandres contra os inimigos da Igreja. Esta devoção a olhava o Santo com tão singular inclinação e carinho de sua alma que não perdia proporção alguma de estabelecê-la, unindo-a à congregação da Ave Maria. Era nisto tão eficaz que em poucas horas que permaneceu na ilustre vila de Colmenar de Oreja, passando por ali quando vinha chamado dos Reis, fundou a congregação da Ave Maria, à qual têm unido depois os piedosos corações daqueles honrados vizinhos a caritativa ação de dar esmola a setenta e dois pobres, que é o modo com que até este dia celebram a festa do Beato.

De cada dia se ia aumentando a veneração que lhe tinha Filipe III, e de cada dia cresciam mais as maravilhas com que Deus fazia gloriosa sua fama. Uma delas se viu na morte da Rainha. Em resultado de um mau parto, acometeu àquela Princesa um paroxismo tão mortal que todos chegaram a crer que se havia acabado sua vida. O Rei principalmente, como tão piedoso, estava sumamente acongojado por vê-la morrer sem haver recebido os santos Sacramentos. Significou sua dor ao beato Rojas, e o Santo o consolou, assegurando-lhe que não permitiria Deus que a Rainha morresse sem esse consolo. Foi imediatamente a seu quarto e, ao entrar nele, disse em alta voz, como tinha de costume: «Ave Maria.» A Rainha, como se despertasse de um sonho, respondeu imediatamente: «*Gratia plena*, P. Rojas»: recobrou todos os seus sentidos e, havendo recebido todos os Sacramentos da Igreja, descansou no Senhor, assistindo o Santo à sua cabeceira até que verificou sua morte. Conhecendo o Monarca o mérito do Santo, pretendeu premiá-lo fazendo-o bispo de Jaén e depois de Valhadolide; mas jamais pôde conseguir que aceitasse semelhante dignidade, opondo sempre sua ineptidão e o perigo de sua alma. Como o Rei o amava tanto, consentiu facilmente em não dar-lhe este desgosto; mas, em recompensa, lhe pediu que aceitasse o cargo de preceptor dos senhores infantes seus filhos. O Santo consentiu nisso; mas, nomeando-o ao ano sua religião provincial de Castela, renunciou um cargo tão honroso por servir a seus irmãos, cumprindo com a profissão que havia feito. No ano de 1622 levou Deus a melhor vida o rei Filipe III; e, havendo-o nomeado o rei Filipe IV por confessor de sua augusta esposa D. Isabel de Bourbon, teve o valor de não admitir tão grande honra senão com certas condições. A primeira, que não se lhe havia de impedir a visita de cárceres e hospitais, a assistência aos enfermos e o socorro dos necessitados. A segunda, que não se o havia de precisar a admitir as honras e distinções de que gozavam os confessores das Rainhas, em cuja consequência nem havia de gastar coche nem se lhe havia de dar o tratamento de reverendíssimo. A terceira condição foi que não havia de cobrar pensão alguma; e, opondo-se a isto a Rainha, só consentiu em que havia de cobrá-la para repartir aos pobres. Este santo desinteresse conservou-o com o maior rigor em meio à privança que tinha com os Soberanos e ao muito que estes desejavam conceder-lhe mercês. Jamais pediu nenhuma para seus parentes nem amigos, e muito menos para os conventos de sua religião. Em só duas coisas fez que se interessassem os Monarcas. Como o Santo era tão sumamente devoto de Maria santíssima, sendo seu santo nome o mais contínuo emprego que haviam tido seus lábios desde o berço, procurou dilatar sua devoção por todos os meios possíveis. Um deles foi a congregação da Ave Maria, para cuja estabilidade e firmeza suplicou ao Rei que se

alistasse por irmão juntamente com os senhores infantes, a qual pretensão lhe foi concedida com gosto. Solicitou também que o Rei protegesse a pretensão de que em sua Ordem se celebrasse o dulcíssimo nome de Maria; e o piedoso Monarca, que via a terna devoção de onde nasciam semelhantes solicitudes, não pôde deixar de interessar-se com o Sumo Pontífice para dar ao beato Rojas este consolo.

Neste tempo já contava o beato Simão de Rojas setenta e dois anos de uma idade gasta no serviço de Deus, no da Religião, em proveito de seus irmãos e na prática das mais heroicas virtudes. Queria Deus premiar estas e deu-o a entender a seu servo. Esta nova foi para o Santo a mais agradável e venturosa que havia tido em toda a sua vida; e assim determinou desde logo apartar-se de todos os cuidados que o sobressaltavam para atender unicamente a si mesmo e pôr-se em estado de apresentar-se com confiança no tribunal da justiça divina. Despediu-se dos Reis, das damas do palácio, de suas filhas espirituais e até de seus mesmos irmãos os religiosos, dizendo a todos que se despedia para uma viagem que tinha de fazer em breve. Ouviram-no com dor, porque sua ausência lhes era sumamente sensível; mas a ninguém veio ao pensamento perguntar-lhe que viagem era aquela, bem alheios de pensar que era a da eternidade. A últimos de setembro daquele ano foi acometido de um acidente de apoplexia que o privou de todos os seus sentidos e consequentemente da vida. Logo que se divulgou por Madri acudiram a sua cela grandes, títulos, bispos, cavaleiros ilustres e religiosos e, postos de joelhos ao redor de sua pobre cama, uns lhe beijavam os pés e as mãos, outros repartiam entre si em pequenas partes os utensílios de sua cela e todos o aclamavam por santo. A Rainha cuidou de que os médicos de câmara fossem restabelecer, se fosse possível, tão preciosa vida. Era chegada a hora em que Deus queria premiar as santas obras de seu servo fiel; e assim todas as humanas diligências foram inúteis; pois às trinta horas de havê-lo acometido o acidente entregou sua puríssima alma em mãos do Criador. Logo que soube a Rainha e a demais gente de palácio que havia morrido o P. Rojas, conheceram que esta era a viagem para que se havia despedido e não duvidaram que Deus lhe havia feito a mercê de haver-lhe revelado a hora de seu trânsito. Fizeram-se-lhe as exéquias com grande concurso de gentes da primeira hierarquia e numeroso povo que a grandes vozes publicavam sua santidade. Justificada esta com todas as formalidades devidas e aprovados dois milagres que fez Deus por sua intercessão, foi beatificado pelo papa Clemente XIII no ano de 1766. Venera-se seu sagrado cadáver numa magnífica urna de prata que está colocada no altar-mor da igreja dos Padres Trinitários de Madri, onde dispensa Deus favores contínuos aos que com verdadeira devoção se encomendam à poderosa intercessão que este Santo desfruta com o Deus de misericórdias.

São Venceslau, Duque da Boêmia, Mártir

Foi Venceslau filho de Wratislau, duque da Boêmia, e de Drahomira de Luczko, neto de Borivoi, o primeiro duque cristão, e da bem-aventurada Ludmila. Seu pai Wratislau foi um príncipe prudente e valeroso, cheio de bondade e muito cristão; mas sua mãe Drahomira era gentia, sem havê-la podido jamais converter nem as exortações, nem o zelo, nem os bons exemplos de seu marido.

Naturalmente era de gênio altivo e fero, acrescentando à impiedade a crueldade e a perfídia. Teve dois filhos: Venceslau, que foi o primogênito, e Boleslau, que nasceu o segundo. Conhecendo Santa Ludmila quão perigoso era fiar a educação dos dois meninos a uma mãe idólatra, cujos costumes eram correspondentes a sua profissão, desejou criar em seu palácio ao menos um dos dois. Deixaram-lho a sua eleição e escolheu o filho maior, em cujo admirável natural descobria belas disposições para lograr-se nele uma cristã educação. Foi, pois, Venceslau enviado a Praga ao palácio de sua avó. Encarregou-se a virtuosa Princesa de formar por si mesma aquele terno coração, repartindo o cuidado de sua educação com um sábio preceptor que lhe assinalou. Era este um capelão seu, sacerdote santo, por nome Paulo, que encheu dignamente todo o desejo da Princesa nas lições que lhe deu para cultivar a um mesmo tempo seu entendimento com o estudo das letras e seu coração com o amor e com o exercício da virtude.

Correspondeu o terno príncipe tão perfeitamente a este cultivo pela excelência de seu engenho, por sua docilidade e por sua natural inclinação a tudo o bom que logo foi reputado por um dos príncipes mais cabais que havia à sazão na Europa. Não só não tinha necessidade o preceptor de excitá-lo ao cumprimento das obrigações do estudo e da Religião, mas se via precisado a moderar os excessos de seu ardor por umas e outras. Havendo-se adiantado muito e estando já aperfeiçoado no estudo das letras humanas, resolveu Ludmila, de acordo com seu preceptor, enviá-lo ao colégio de Budeč, cidade pouco distante de Praga, onde à sazão se educavam muitos jovens da primeira nobreza, e todos cristãos; bem persuadida de que só nos colégios e nos estudos públicos reina a pundonorosa emulação, não havendo coisa mais ingrata nem mais seca que uma educação privada e particular. O que governava o colégio, com nome e com autoridade de principal ou de reitor, era um clérigo de Neisse, na Silésia, homem muito piedoso e tão conhecido por sua grande sabedoria como pela santidade de sua vida. Sob a disciplina de um mestre tão hábil e tão santo acabou o jovem príncipe seus estudos e se aperfeiçoou no exercício das mais excelentes virtudes. Distinguiu-se muito entre todos pela penetração e pela brilhantez de seu engenho; mas se distinguiu muito mais pela pureza de seus costumes, por sua devoção e por seu zelo da religião cristã. Só parecia menino na idade. Pelo demais, modesto sem afetação; amigo de comprazer a todos com decoro e sem baixeza; circunspecto em todas as suas ações; nobre e grande até nas mais miúdas, e cristão sempre em tudo, considerou-se-lhe desde então como perfeito modelo dos maiores príncipes. Sua devoção sobressalente era a Jesus Cristo no augusto Sacramento e uma singular ternura à santíssima Virgem: esta Rainha das Virgens lhe alcançou aquele extremado amor à pureza que pareceu ser o caráter deste castíssimo Príncipe, fugindo com particular cuidado todas as ocasiões de perdê-la ou de manchá-la.

Como seu mesmo nascimento o destinava para ter algum dia vassalos que mandar, dedicou-se com tempo a adquirir todas as qualidades e prendas de um bom senhor. A todos enfeitiçava sua modéstia, e seu aprazível trato o fazia dono dos corações de todos. Em nenhum outro jovem príncipe se viram nunca nem modos mais nobres, nem prendas mais amáveis, nem costumes mais puros. Morreu o Duque seu pai sendo ainda muito jovem Venceslau e, apoderando-se imediatamente Drahomira, sua mãe, da regência e do governo, faltando-lhe já o freio do Duque seu marido, abandonou-se inteiramente a seu cruel humor; e, deixando-se levar de seu implacável ódio ao nome cristão, declarou-se contra a Religião com um furor sem medida. Deu princípio publicando um decreto fulminante em que mandava fechar todas as igrejas e cessar em todo exercício de religião; proibia aos sacerdotes instruir o povo; excluía os mestres cristãos do ensino

da juventude; anulava tudo o que seu sogro Borivoi e Wratislau seu marido haviam estabelecido em favor dos Cristãos; e, numa palavra, desterrava a religião cristã de todos os seus domínios. Depôs de seus empregos todos os magistrados e todos os oficiais cristãos, nomeando em seu lugar idólatras empedernidos e inteiramente sacrificados a suas paixões e a sua tirania. Foi tão cruel e tão bárbara a perseguição que todo gentio particular tinha licença para tirar a vida a qualquer cristão, sem que a este lhe fosse lícita nem sequer a defesa natural; e, se por defender sua vida a tirava a um gentio, a cruel Princesa condenava à morte a outros nove cristãos; de maneira que a morte de um culpado custava a vida a dez inocentes.

Aflita a piedosa Ludmila à vista de tantas desordens, não podendo já sofrer que a seus mesmos olhos fosse destruída uma religião que à custa de tantas fadigas haviam estabelecido o Duque seu marido, o Duque seu filho e também ela mesma, não achou meio mais eficaz para remediar tantos males que dispor que tomasse as rédeas do governo seu neto Venceslau, que, ainda que tão jovem, tinha toda a prudência e todos os talentos necessários para governar um povo de quem era as delícias e a admiração. Havendo-o declarado Duque de todos os Estados, foi universal o alvoroço em toda a Boêmia, ressoando em todas as partes festas e regozijos públicos. Drahomira, universalmente aborrecida por sua crueldade e objeto da execração geral por seus estragados costumes, cedeu sem ruído; mas, para evitar toda dissensão entre os dois irmãos, acordaram num repartimento e se desmembrou uma província à parte superior do Elba, que se deu a Boleslau, e de seu nome se chamou desde então Boleslávia. Vendo-se abandonada a ímpia Drahomira, achegou-se ao partido do filho segundo, o qual valia tanto como a mãe.

O novo Duque deu princípio a seu governo restituindo a religião cristã em todos os seus Estados a sua antiga posse; anulou todos os editos que Drahomira havia publicado para aniquilá-la; e, persuadido de que o meio mais eficaz para fazer que floresça a Religião é o exemplo do Soberano, esforçou-se quanto pôde a reformar os costumes de seus vassalos com o mudo, mas brilhante modelo dos seus. Passava em oração grande parte da noite e dedicava a exercícios de piedade todo o tempo que lhe deixavam livre os negócios públicos. Logo se viu reinar em todos os seus domínios a paz e a justiça, reflorescendo a Religião pelo grande cuidado que pôs em eleger ministros e oficiais de conhecida bondade e integridade. Mudou logo de semblante toda a Boêmia e rendeu mil graças ao Senhor por havê-la concedido um Duque santo.

Desesperada entretanto Drahomira ao ver outra vez cristão todo o ducado da Boêmia e noticiosa da eminente virtude do Duque seu filho, conheceu facilmente que tudo era fruto dos prudentes conselhos de sua sogra Ludmila; e, resolvida a furiosa nora a desembaraçar-se dela, subornou certos infames assassinos para que lhe tirassem a vida. Noticiosa de tudo a virtuosa Princesa, sem ignorar quem eram os assassinos subornados, em vez de dar ordem de prendê-los, chamou todos os seus criados, pagou-lhes e recompensou seus serviços abundantemente; repartiu entre os pobres todo o dinheiro, móveis e alfaias que lhe haviam ficado; meteu-se em seu oratório, manteve-se prostrada por algum tempo diante do altar; confessou-se com seu confessor e capelão, o santo sacerdote Paulo; recebeu de sua mão o santo Viático, encomendou sua alma a Deus e ficou em oração. Enquanto se estava oferecendo ao Senhor como vítima da religião, entraram dois assassinos e, arrojando-se com furor sobre a santa Princesa, a afogaram com a mesma touca ou véu que tinha. Assim morreu Santa Ludmila, a quem a Igreja honra como mártir no dia 16 deste mês.

Noticioso São Venceslau deste cruel assassinato, sentiu vivíssimamente o muito que com ele havia perdido; chorou a falta de uma avó que o havia criado com tanto desvelo e só se consolou com a segurança de que lograria no céu uma poderosa protetora contra as perseguições que desde logo conheceu lhe fariam padecer um cruel irmão e uma mãe desnaturada. Pouco tardou esta em dar-lhe provas de seus perniciosos intentos. Suscitou-lhe um poderoso inimigo na pessoa de Radislau, príncipe de Gurim, que entrou em suas terras com um numeroso exército; e, desprezando as poucas forças de um Duque jovem, sem experiência e sem aliados, não duvidou que toda a Boêmia seria o fruto daquela só campanha. Admirado Venceslau daquela irrupção, enviou-lhe seus embaixadores para perguntar-lhe que motivo lhe havia dado para declarar-lhe a guerra, com ordem de oferecer-lhe todo gênero de honestas e decorosas condições para efetuar a paz. Parecendo ao príncipe de Gurim que a embaixada era prova da fraqueza e do medo, respondeu com fereza que a única condição para conseguir a paz era ceder-lhe toda a Boêmia.

Vendo-se o Santo na precisão de defender-se, juntou precipitadamente um exército e marchou a buscar o inimigo, que fazia grandes estragos em todo o país que pisava. Quando os dois exércitos estiveram à vista, Venceslau pediu uma conferência a Radislau e lhe disse que, não havendo meio de fazer-se a paz senão à custa de uma batalha, não era justo que se derramasse tanto inocente sangue; e, posto que só eles dois eram a causa ou os autores de suas diferenças, só eles deviam terminá-las por um combate singular que decidisse a vitória. Ouviu Radislau com lástima e com riso a proposição do jovem Duque e a tratou de temerária; mas a aceitou tanto mais gozoso quanto se considerava orgulhosamente seguro da vitória; e assim, retirando-se grosseiramente, disse-lhe com desprezo: «Anda, príncipe, vai tomar tuas armas, que logo se decidirá este negócio.»

Deixaram-se ambos ver no campo de batalha à hora assinalada: Radislau coberto de todas as armas, como outro Golias, com um dardo na mão e com uma longa espada na bainha; Venceslau com só uma ligeira couraça e uma espada muito curta, como quem tinha colocada no céu toda a sua confiança. Fez o sinal da cruz, como para dar princípio ao combate; ia Radislau a disparar-lhe seu dardo quando viu diante de si dois Anjos e ouviu uma voz que lhe disse: «Não lho atires.» Apoderou-se então de seu coração tal terror e tal espanto que deixou cair as armas em terra e, correndo a lançar-se aos pés de Venceslau, pediu-lhe perdão e sujeitou-se a todas as condições que o vitorioso Duque lhe quisesse prescrever. Os dois exércitos não acabavam de crer o mesmo que estavam vendo; e então se conheceu que Venceslau era um príncipe particularmente favorecido do céu, a quem Deus havia tomado debaixo de sua proteção e que sempre teria de sua parte o Senhor Deus dos exércitos.

Na verdade, nenhum príncipe cristão mereceu mais estes insignes favores. Nenhum soberano deu jamais maiores provas de uma fé mais viva, de uma caridade mais ardente nem de uma virtude mais encumbrada. Sua devoção à sagrada Eucaristia não só se acreditava no profundo respeito com que estava diante do santíssimo Sacramento e de sua frequente assistência ao pé dos altares, passando na igreja a maior parte da noite, mas pela veneração que professava a tudo o que tinha alguma correlação com este divino mistério. Ele mesmo semeava com suas próprias mãos o trigo que havia de servir para as hóstias e espremia as uvas do vinho destinado ao santo sacrifício. Tinha particular devoção em ajudar à missa e, pela terna que professava à santíssima Virgem, resolveu guardar perpétua castidade toda a vida.

Poderia parecer que sua caridade com os pobres lhe fazia esquecer ou lhe envilecia a dignidade de soberano, se não se soubesse que nunca é maior um príncipe que quando serve aos miseráveis. Declarou-se desde logo por protetor dos pobres e dos órfãos. Era seu maior gosto disfarçar-se pelas noites e levar sobre seus ombros feixes de lenha às casas dos necessitados. Muitas vezes se viu assistir em pessoa aos enterros da gente pobre, dizendo que as obras de misericórdia diziam melhor e eram mais próprias dos grandes que do miúdo povo. Poucos dias deixava de visitar os encarcerados; libertava muitas vezes os que estavam presos por dívidas, pagando-as de sua bolsa, e consolava com admiráveis razões os delinquentes.

Fazia mais respeitáveis e mais respeitados do público os bispos e os sacerdotes com as particulares honras que ele mesmo lhes tributava. Sempre estava descoberto diante dos ministros do altar e sempre lhes falava com o maior respeito. Quem o visse em suas devoções e exercícios espirituais julgaria que não tinha outra coisa a que atender; e quem o olhasse no gabinete despachando os negócios do Estado creria que não cuidava de outra coisa. Chamavam-no comumente o santo Príncipe: e era o duque da Boêmia a admiração de todas as cortes. Sabia-se que na ocasião era valente, mas sem deixar jamais de ser devoto.

Precisado a concorrer à dieta de Worms que havia convocado o imperador Otão I, sustentou perfeitamente a reputação de sua virtude em todas as ocasiões. Pagou-se tanto o Imperador de sua santidade e das demais prendas que o adornavam que resolveu erigir em reino o ducado da Boêmia, por fazer-lhe este favor; mas o santo Duque não o quis admitir, contentando-se com a graça que lhe fez o Imperador de eximir de todos os subsídios aqueles Estados; favor que agradeceu muito, por ser em tanta utilidade de seus vassalos. Diz-se que um dia, por haver querido ouvir duas missas, chegou tarde à assembleia; e que assim o Imperador como os demais Príncipes, sentidos daquela tardança, resolveram desairá-lo para que conhecesse sua ofensa não se levantando ao tempo de entrar na sala; mas, logo que se deixou ver nela, foram de muito distinto parecer, porque o viram vir em meio de dois Anjos que levavam diante dele uma cruz de ouro, e não só o Imperador se levantou de seu trono imperial, mas adiantou-se alguns passos para recebê-lo e lhe fez ocupar o primeiro assento imediato ao mesmo trono. Todos os demais Príncipes lhe renderam grandes honras; e, desejoso o Imperador de dar-lhe gosto, regalou-o com o braço de São Vito, que se havia trazido da França ao mosteiro de Corvey, na Saxônia. Também o regalou com alguns ossos de São Sigismundo, rei de Borgonha, a quem nosso Santo professava particular devoção. Restituído a Praga, fez edificar um suntuoso templo em honra de São Vito, que hoje é a catedral, aonde dispôs que fosse trasladado o corpo de sua avó Santa Ludmila, que se achou inteiro e sem corrupção, honrando-o Deus com grande número de milagres.

Quanto mais estimado e mais venerado estava nosso Santo em toda a Alemanha, mas particularmente na Boêmia, mais empeçonhada estava contra ele sua cruel mãe Drahomira e seu irmão Boleslau. Resolveram acabar com ele; e concertaram os meios de consegui-lo quando tiveram notícia de que Venceslau havia pedido ao Papa alguns monges de São Bento, com ânimo de tomar o hábito e retirar-se com eles a acabar sua vida num mosteiro. Com esta novidade suspenderam por algum tempo a execução de seus intentos; mas, vendo que o outro pensamento ia longe, determinaram efetuar o seu.

Havia-lhe nascido um filho a Boleslau, e convidou o Duque seu irmão, como também os grandes da Boêmia, para que concorressem às festas que pensava fazer com ocasião deste nascimento. Em meio aos grandes motivos que tinha nosso Santo para desconfiar de seu irmão, pareceu-lhe que não podia escusar-se cortesã e decentemente daquela visita. As afetadas e extraordinárias demonstrações de amor com que foi recebido lhe aumentaram seus justos receios; nem a mesma magnificência do festim foi bastante para diminuí-los. Havia-se disposto para todo acontecimento com uma extraordinária confissão e comunhão que fez em Praga antes de partir a Boleslávia. À meia-noite levantou-se da mesa para ir-se à igreja, segundo seu costume. Foi muito fervorosa sua oração e, com não sei que secreto pressentimento de sua morte, ofereceu-se a Deus em sacrifício. Parecendo a Drahomira que esta era a ocasião que se buscava, apurou o ímpio Boleslau para que se aproveitasse dela. Obedeceu o cruel parricida; mas, ao aproximar-se do altar e levantar a espada para descarregar o golpe, apoderou-se dele tal horror que se lhe caiu a espada das mãos. Levantaram-na do chão os facínoras que o acompanhavam e, tratando-o de covarde, animaram-no a evacuar o ímpio intento com que havia vindo. Então o desnaturado irmão lhe passou de parte a parte a espada pelo corpo e o estendeu morto em terra. Saltou o sangue à parede, onde se conserva até o dia de hoje. No dia seguinte o ímpio homicida apoderou-se dos Estados do santo Duque e assinalou sua usurpação com uma perseguição horrível contra os Cristãos, enchendo todas as cidades de sangue e de carnificina. À infeliz Drahomira não lhe durou muito tempo a impunidade; porque, passando um dia por um campo todo coberto de corpos de uma multidão de Mártires sacrificados a seu furor, aos quais ela havia mandado que não se desse sepultura, abriu-se de repente a terra e a tragou desgraçadamente a ela e a toda a sua comitiva. O ímpio Boleslau atemorizou-se, mas não se converteu. Crescendo seus espantos com os milagres que se obravam no sepulcro do santo Mártir, mandou desenterrar de noite seu corpo e que fosse trasladado a Praga à igreja de São Vito, para que os milagres que obrasse se confundissem com os de São Vito, titular da mesma igreja; mas confundiu Deus a impiedade de Boleslau. Detiveram-se imóveis os cavalos que conduziam o carro onde ia a relíquia quando chegaram junto aos cárceres de Praga, e não foi possível fazê-los andar um passo adiante até que se deu liberdade a todos os encarcerados. Outra maravilha, que teve por testemunha uma numerosa multidão de povo, foi que o carreteiro que guiava o carro nunca pôde fazer que os cavalos passassem pelas duas pontes; e assim, levando com violência o carro e o carreteiro, passaram a pé enxuto por meio do rio. Todos quiseram ver o santo corpo; e, abrindo-se a caixa, achou-se tão inteiro e tão fresco como se estivesse vivo, ainda que já haviam passado três anos depois de sua morte. Sucedeu o martírio de São Venceslau no dia 28 de setembro do ano 938. O ímpio Boleslau, por sobrenome o Cruel, foi desgraçado por todo o tempo de seu reinado. O imperador Otão o bateu por espaço de catorze anos, e ele se viu obrigado a receber a paz com as seguintes condições: dar satisfação ao mundo pela morte de Venceslau com uma penitência pública e de grande humilhação; pagar todos os anos um tributo ao Imperador; voltar a chamar todos os católicos desterrados; reedificar todas as igrejas destruídas e restituir a religião cristã em todos os seus domínios. Morreu miseravelmente na flor de sua juventude. Seu filho Boleslau II, chamado o Piedoso, tomou por modelo a seu santo tio e foi um dos maiores príncipes de seu tempo.

Santa Eustóquia, Virgem

Santa Eustóquia, cuja memória é tão ilustre pela pluma de São Jerônimo, foi filha de Santa Paula, cuja admirável vida, depois de sua inteira conversão a Deus, copiou esta Santa fielmente. Santa Paula, pela morte de seu marido Toxócio, tirou toda a magnificência e esplendor de sua casa e dedicou-se inteiramente a Deus numa vida de singeleza, pobreza, mortificação e oração contínua. Eustóquia adotou as piedosas miras de sua mãe e regozijava-se em gastar em exercícios de caridade e religião as horas que outras expendiam em vãs diversões e em ver remediados muitos pobres com aquilo que outros desperdiçavam no luxo, vaidade e aparato, convertendo as bênçãos de Deus nos maiores infortúnios e os meios de sua salvação em sua condenação e miséria. Eustóquia visitava muitas vezes e recebia as instruções de Santa Marcela, a primeira de seu sexo que abraçou em Roma a vida ascética e retirada para aperfeiçoar-se nos exercícios da virtude.

Conhecendo quão importante era ter uma guia na vida espiritual, pôs-se nossa devota virgem pelos anos de 382 sob a direção de São Jerônimo e solenizou um voto de perpétua virgindade. Para recomendar sua resolução e instruí-la nas obrigações daquele estado, compôs São Jerônimo seu *Tratado sobre a virgindade*, chamado de outra sorte sua *Carta a Eustóquia* sobre a mesma matéria, como a fins do pontificado de Dâmaso, no ano de 383 pouco mais ou menos. Havendo falado neste tratado da excelência do estado da virgindade e da dificuldade de conservá-la com o risco de perder o tesouro da pureza, estabelece os preceitos que deve observar uma virgem para manter intacta sua castidade. A primeira coisa que lhe prescreve é a humildade e o temor de perder aquela virtude. A segunda, uma vigilância constante sobre seu coração e seus sentidos contra todos os perigos, rejeitando até as primeiras moções e sugestões do mau pensamento, matando o inimigo antes que cobre forças e calcando as mais leves sementes da tentação. O terceiro destes preceitos é uma temperança extraordinária no comer e beber. Proíbe-lhe toda compostura em sua beleza, afeminação, os afeites e os ornamentos supérfluos. Impõe-lhe que jamais beba vinho, cujo licor chama o Santo peçonha da juventude e azeite que se lança à chama para fomentar o incêndio. Não queria que se levasse até um extremo excessivo o jejum e somente encarregava o moderado, mas constante, e de modo que sempre se levantasse da mesa com apetite. Recomenda a solidão e todas as virtudes cristãs; e encarrega àquela Virgem que jamais visite aquelas damas cujos adornos e conversações possam ter alguma tintura do espírito do mundo; e acrescenta: «Saí muito poucas vezes de casa, nem sequer para honrar os Mártires; honrai-os em vossa casa.» Dá também São Jerônimo a Eustóquia documentos muito úteis quanto aos exercícios da oração contínua e lhe traz à memória a obrigação devota de levantar-se à meia-noite ou duas e três vezes nela a orar, além das horas matutinas de prima, terça, sexta e noa, que todos sabiam dever consagrar à oração pública; e não omitir suas preces antes e depois de comer, antes de sair e ao entrar em sua casa e em todas as demais ocasiões; e que em toda ação e obra devia fazer antes de tudo o sinal da cruz.

Conta este venerável autor que, sendo Eustóquia muito menina, havia-a acostumado sua mãe a não levar mais que uns vestidos muito ordinários e lhanos; mas que certo dia sua tia Pretextata a pôs com um rico aparato e frisado graciosamente seu cabelo, segundo o estilo das jovens de sua idade e qualidade: e que na noite seguinte pareceu a Pretextata haver visto em sonhos um Anjo que com voz aterradora a havia repreendido de haver ousado pôr sacrilegamente suas mãos numa virgem consagrada a Cristo e fomentar princípios de vaidade numa prometida esposa sua.

São Jerônimo deixou Roma no ano de 385 e Eustóquia foi fazer companhia a sua mãe em todas as suas viagens por Síria, Egito e Palestina e se estabeleceu com ela no mosteiro de Belém. Depois da morte de Santa Paula, acaecida no ano de 404, foi Eustóquia eleita abadessa em seu lugar. Com São Jerônimo por mestre seu aprendeu mais do que prometia seu sexo, e era muito versada na língua hebreia. Aquele santo Doutor dedicou a esta mulher admirável seus *Comentários sobre Ezequiel e Isaías* e traduziu ao latim a regra de São Pacômio para uso de suas monjas. Uma tropa de hereges pelagianos queimou este mosteiro no ano de 416 e cometeram mil ultrajes de que Santa Eustóquia e Paula a Menor, sobrinha sua, informaram por cartas ao papa Inocêncio I, que escreveu nos termos mais expressivos a João, bispo de Jerusalém, encarregando-lhe que contivesse semelhantes violências e acrescentando-lhe que, do contrário, se veria precisado a recorrer a outros meios para fazer justiça aos injuriados. Santa Eustóquia foi chamada ao galardão de suas fadigas pelos anos de 419; e seu corpo foi sepultado perto do de Santa Paula, sua mãe. Veja-se São Jerônimo, liv. *De Virgin.*, e ep. 22, 26 e 27.

Missa (oração)

A missa é em honra do beato Simão, e a oração é a que se segue.

> **Latim:** *Deus, cujus charitas in corde beati Simonis diffusa eximio in sanctissimam Filii tui Genitricem cultu, et assiduis misericordiæ operibus enituit: illius intercessione concede, ut eodem charitatis fervore succensi, et beatæ Mariæ Virginis tutela protecti, tuam misericordiam consequamur. Per Dominum nostrum Jesum Christum.*

Português: Ó Deus, cuja caridade infusa no coração do bem-aventurado Simão resplandeceu no eximio culto da santíssima Mãe de vosso Filho e nas contínuas obras de misericórdia, concedei-nos por sua intercessão que, acendidos no mesmo fervor de caridade e protegidos com o patrocínio da santíssima Virgem Maria, consigamos vossa misericórdia. Por Nosso Senhor Jesus Cristo...

Epístola

A epístola é do capítulo 31 do Eclesiástico.

Eclesiástico 31,8-11

> **Latim:** 8 Beatus dives qui inventus est sine macula, et qui post aurum non abiit, nec speravit in pecunia et thesauris. 9 Quis est hic ? et laudabimus eum : fecit

> enim mirabilia in vita sua. [10] Qui probatus est in illo, et perfectus est, erit illi gloria æterna : qui potuit transgredi, et non est transgressus ; facere mala, et non fecit. [11] Ideo stabilita sunt bona illius in Domino, et eleemosynas illius enarrabit omnis ecclesia sanctorum.

Português: [8] Bem-aventurado o rico, que foi achado sem mancha e que se não deixou ir após o ouro, nem esperou no dinheiro, nem nos tesouros. [9] Quem é êste, e nós o louvaremos? Porque fêz coisas maravilhosas em sua vida. [10] Ao que foi provado no ouro, e se achou ser perfeito, isto lhe servirá de glória eterna: O que pôde transgredir a lei de Deus, e não a transgrediu: O que pôde fazer mal e não o fêz: [11] Por isso os seus bens foram assegurados no Senhor, e toda a igreja dos Santos celebrará as suas esmolas.

Reflexões

Não há maior consolo para um cristão que estar bem assegurado de que se arranja à vontade de Deus em tudo o que empreende. Será possível que nos empregos que preferem nossos desejos não tenha parte o amor-próprio e talvez também a paixão? Nas eleições de estado e de gênero de vida para que se consulta só com a carne e com o sangue, a vontade de Deus não entra mais que como um motivo exterior e forasteiro, que serve unicamente para serenar a consciência; mas sempre fica sobressaltada. Admiramo-nos algumas vezes daqueles funestos acaecimentos e daqueles transtornos que nos fazem tão lôbregos os dias da vida. Mas, se não te pôs Deus no estado em que te achas; se por seguir tua paixão ou interesse te entremeteste no sagrado ministério; se quiseste ser tu só, por assim dizer, o artífice de tua sorte, que novidade te devem fazer todos esses inesperados efeitos? Turbou-se a ordem de uma providência particular; desconcerta-se aquela economia tão sábia, tão arranjada, que nos podia conduzir a nosso último fim por aqueles meios fáceis e seguros que nos tinha preparados. Pois que maravilha, se depois de todo esse descaminho se dão tantos tropeços? Só damos hoje ouvidos ao espírito do mundo: só consultamos a nosso gosto e a nosso interesse no que empreendemos. Até na devoção se introduz o engano e a ilusão. Há poucos estados na vida que não estejam sujeitos à ilusão. Nenhuma mascarinha toma o amor-próprio com mais facilidade nem com mais gosto que a da piedade e da virtude, a cujo favor reinam as paixões sem sobressalto e sem temor. Daqui nasce tanta delicadeza e tanta sensualidade desses que se chamam devotos. Nunca são mais vivas as paixões que quando estão disfarçadas. Quando se obra por zelo puro, quando só Deus anima todas as nossas ações, quando é o único objeto e fim de nossa conduta, já o coração não é escravo de nossos desejos e a mortificação é o verdadeiro caráter da pessoa; mas, admitindo outra guia que a Deus, cada passo é um descaminho.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 12 de São Lucas.

Lucas 12,35-40

> **Latim:** [35] Sint lumbi vestri præcincti, et lucernæ ardentes in manibus vestris, [36] et vos similes hominibus exspectantibus dominum suum quando revertatur a nuptiis : ut, cum venerit et pulsaverit, confestim aperiant ei. [37] Beati servi illi quos, cum venerit dominus, invenerit vigilantes : amen dico vobis, quod præcinget se, et faciet illos discumbere, et transiens ministrabit illis. [38] Et si venerit in secunda vigilia, et si in tertia vigilia venerit, et ita invenerit, beati sunt servi illi. [39] Hoc autem scitote, quoniam si sciret paterfamilias, qua hora fur veniret, vigilaret utique, et non sineret perfodi domum suam. [40] Et vos estote parati : quia qua hora non putatis, Filius hominis veniet.

Português: [35] Estejão cingidos os vossos lom- bos, e nas vossas mãos tóchas ac- cesas; [36] e sede vós-outros semelhantes aos homens, que esperão a seu senhor, ao voltar das vodas: para que, quando vier, a bater á porta, logo lha abrão. [37] Bemaventurados aquellos servos, a quem o senhor achar vigiando, quando vier: na verdade vos digo, que elle se cingirá, e os fará sentar á meza, e passando por entr'elles, os servirá. [38] E se vier na segunda vigilia, e se vier na terceira vigilia, e assim os achar, bemaventurados são os taes servos. [39] Mas sabei isto, que se o pai de familia soubesse a hora em que viria o ladrão, vigiaria sem dúvida, e não deixaria minar a sua casa. [40] Vós-outros pois estai apercebi- dos: porque á hora, que não cuidais, virá o Filho do homem.

Meditação

Que a todos é necessário o espírito de recolhimento e de retiro

Primeiro ponto

Considera que o espírito de dissipação, aquele derramar-se para fora, aquele desgosto tão natural e tão universal que se tem ao recolhimento e ao retiro, ao mesmo tempo que é um dos mais perniciosos laços que nos arma o demônio, é também o que menos se precave e do qual menos se desconfia. Sabendo muito bem o inimigo da salvação o muito necessário que é este espírito de recolhimento para conservar-se e para perseverar no exercício da virtude, não omite meio algum para desviar dele todo o mundo. Sabe que no retiro e no recolhimento se discorre cristãmente, fazem-se saudáveis reflexões, as quais sufoca em seu mesmo nascimento ou desterra de um coração cristão o espírito de dissipação e derramamento exterior. Por isso aplica o maior cuidado a inspirar em todos uma ideia ingrata e tediosa deste espírito de retiro. O retrato com que o pinta aos olhos da imaginação alvoroça os sentidos, representando-o sempre desfigurado com tão

impróprias, com tão sombrias cores este doce repouso da alma. Apodera-se do coração a melancolia só ao nome de retiro e apenas se conhece diferença entre um homem retirado e um homem morto. Não obstante, o espírito de retiro é muito diferente do que se concebe. É um estado doce, tranquilo, a coberto do alvoroço, do tumulto e do estrépito das paixões. É uma sossegada situação da alma sempre em calma, de um ânimo sereno e sempre em disposição de examinar-se e de conhecer-se; quando, pelo contrário, estando dissipada, anda como fugitiva de si mesma. Pois que maravilha é que haja no mundo tão poucas conversões, havendo tantos com necessidade de converter-se? Desviam-nos deste pensamento o mesmo tumulto e a mesma dissipação; e assim não podem conhecer a necessidade. Só no retiro se ouve bem a voz de Deus e se percebem os gritos da consciência. Naquela calma se descobrem as manchas que a distração não permite distinguir; e naquela paz interior se reflete e se discorre de modo que por estes discursos e por estas reflexões se vai tomando o gosto às verdades eternas da Religião. Uma alma dissipada é como aqueles enfermos abrasados de uma ardente febre, que estão numa perpétua agitação e, ainda que próximos da morte, não conhecem a gravidade do mal; até que, templando-se a febre e mais sossegado o enfermo, sente todo o peso da enfermidade. No mundo, enquanto se vive naquele esparramamento universal, naquele exterior derramamento, apenas se reconhece alguma culpa. «Pois que mal faço eu?», diz aquele mundano, aquele homem continuamente derramado, aquela pessoa religiosa dissipada e esparramada. «Que mal faço eu?» Retira-te um pouco; entra dentro de ti mesmo; dedica-te alguns dias a um pouco de recolhimento e então conhecerás o mal que fazes; então o apalparás sensivelmente. Em qualquer estado corre grande perigo a salvação sem o recolhimento.

Segundo ponto

Considera que talvez não há coisa mais importante para a salvação que o espírito de retiro. Sem este espírito as boas obras, de quaisquer espécies que sejam, podem ser úteis ao próximo, podem ser frutos proveitosos a outros; mas consomem a árvore que os produz, e muito logo se secará. Sem este espírito, o mais ardente e o mais frutuoso zelo para em um zelo puramente natural. Por isso nenhuns têm maior necessidade deste espírito de recolhimento que os varões apostólicos. No retiro baixou o Espírito Santo sobre os Apóstolos; e não sem mistério o mesmo Jesus Cristo se retirava frequentemente à solidão: o que não fez porque ele o necessitasse, mas para deixar-nos este exemplo. Admirável lição para todos aqueles que estão dedicados à salvação dos próximos! Não há devoção sólida nem verdadeira sem este espírito, que é e sempre tem sido como a alma da piedade cristã. Coração distraído nunca foi por muito tempo devoto. O retiro sustenta a devoção e o recolhimento é como a muralha que defende a inocência. Uma alma distraída, um espírito dissipado, um coração derramado para fora é uma praça sem fortificações exteriores, aberta aos tiros do inimigo e exposta a ser insultada. Daqui nascem aquelas funestas quedas que fazem tanto ruído e causam tanta admiração; daqui aquelas devoções tão secas e sem progressos; daqui aquelas direções tão estéreis e sem fruto. Frequentam-se os Sacramentos; põem-se em prática todos os bons conselhos que se ouvem; exercita-se todo gênero de boas obras; assiste-se aos sermões; tem-se oração e fazem-se outras mil devoções: mas, não obstante, cada dia está a alma mais imperfeita. Dirás que te faltam auxílios. Oh! Deus sabe muito bem que sem sua graça nada podemos; e Deus tem mais em seu coração nossa perfeição que nós mesmos. Pois de onde provém essa aridez e essa esterilidade? Da falta de recolhimento interior. Recebem-se graças; mas

se exalam, por assim dizer, com a dissipação do coração: o recolhimento interior é como o único segredo que as detém e faz que produzam todo o fruto que lhes corresponde. O corpo se debilita com a dissipação dos espíritos vitais; e, quando é grande a dissipação, sempre é mortal. Do mesmo modo devemos discorrer da dissipação interior: sempre é princípio de nossos desmaios espirituais, de nossos desgostos, de nossas fraquezas e, por conseguinte, de nossas quedas. O espírito de retiro, aquele espírito interior, aquele recolhimento, sempre inseparável da modéstia, da paz interior, do espírito de oração, do freio das paixões, é a alma da devoção. Assim, pois, estejamos firmemente persuadidos de que o demônio não deixa pedra por mover para destruir esta muralha da virtude, estas fortificações exteriores que afastam da praça o inimigo. Grande desgraça será para uma alma devota cair neste laço e estrelar-se contra este escolho.

Dai-me, Senhor, este espírito de recolhimento interior, que me haveis feito conhecer ser tão necessário para minha salvação. Conheço muito bem que a minha dissipação devo atribuir minha indevoção e minhas recaídas. Mas confio na assistência de vossa divina graça que vencerei este estorvo de minha eterna felicidade.

Jaculatórias

Dirigi-me, Senhor, em tua divina presença e guia-me segundo teu espírito divino. (Sl 5.)

Oh Senhor, e como conheço que não há segurança senão no retiro e no recolhimento! Por isso abracei eu este partido, fugindo do tumulto e refugiando-me na solidão. (Sl 54.)

Propósitos

1. «Anda sempre em minha presença, diz Deus, e serás perfeito.» Esta contínua presença de Deus é a mais importante entre todas as virtudes: sem ela todas as demais são de pouco proveito. Dedica-te a este recolhimento: a voz de Deus não se percebe entre o bulício: *Non in commotione Dominus.* Um coração aberto a todos os objetos; uma alma continuamente derramada ao exterior e ocupada sem cessar em mil cuidados supérfluos, em mil pensamentos inúteis, não está em paragem de ouvir a voz daquele Senhor que só fala ao coração recolhido. Aplica-te a adquirir esta paz interior. Reprime esses ímpetos do natural, essa precipitação no falar, ainda que seja nas ocasiões mais santas e sobre as coisas mais espirituais. Muitas vezes o que se chama zelo não é outra coisa que humor e gênio. Evita quanto puderes essa multidão de ocupações que só servem para distrair-te. Não convém estar ocioso nem mão sobre mão; mas sempre hás de estar sossegado e muito dono de ti mesmo.

2. Nunca te entregues tanto ao exterior que seja em prejuízo de teu recolhimento. Deves prestar-te, mas não entregar-te aos negócios exteriores. Todas as manhãs hás de fazer propósito de andar continuamente na presença de Deus e sem outra diligência serás modesto e recolhido. Fala pouco e procede em tudo como um homem que nunca perde de vista a Deus. Quando der a hora, recolhe-te dentro de ti mesmo e volta-te a Deus com alguma breve jaculatória. Antes de dar

princípio ao estudo, ao trabalho, à oração, recolhe-te por algum momento: este silêncio é maravilhoso meio para fazer uma alma interior e espiritual: não deixes de praticá-lo.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:53:02 by Admin
Updated 20 November 2026 20:53:02 by Admin